

## EXPEDIENTE.

Não aproveitamos as receitas da composição do vidro do Sr. I. J. G., porque os respectivos fabricantes necessariamente as sabem, e o restante do publico não tem que fazer d'ellas.

A carta do Sr. A. M. do Amaral Cunha com a biographia do Sr. Philippe Belforte, posto que venha briosamente assignada, pela insignificancia do seu assumpto, desdiz da gravidade d'esta folha. Agradecemos-l-a com tudo, e archivamos-l-a.

A tréplica, com que nos honra o Sr. *Martins Bastos*, guardamos-l-a para nossa particular instrução. O Publico, em geral, não cura de latim; um economista muito accreditado já demonstrou que elle era nocivo; e conhecemos varios sabios, que não sabem, que chamam a taes artigos *secaturas imperdoaveis*. Temos que bastará para satisfação do nosso correspondente o declararmos, que sem podermos concordar com a sua opinião admiramos todavia a abundancia dos seus conhecimentos na materia.

Sr. J. de O., ainda é cedo.

Sr. A. L. da Silva, requeira aos prelados a quem isso pertence.

E a nós que se nos dá, Sr.<sup>a</sup> *D. Lisbonense*, das namorações da sua amiga? O que lhe podemos prometter é, que se a sua amiga nos escrever outro tanto a respeito da Sr.<sup>a</sup> *D. Lisbonense* tambem lh'o não imprimiremos.

O portuguez sem papas na lingua errou o subscripto da sua satyra: certamente era para o escriptorio de outro jornal: pôde mandal-a buscar que immediatamene lhe será restituída.

O nosso assignante J. A. S., do Porto, tem muita razão, e ainda achamos a sua carta moderada, mas sem assignatura reconhecida não a podemos publicar.

O artigo communicado, sobre os exames e o excellente arranjo do collegio de *S. Patricio*, é em demasia longo, e por-nos-hia, se o acceitassemos, na obrigação moral de euchermos a nossa folha com eguaes ou similhantes relações de outros mil collegios e escholas; o que não é possível.

## CONHECIMENTOS UTEIS.

## CAIXAS ECONOMICAS.

3112 Já por vezes n'este jornal temos considerado, bem que podesse parecer superfluo accender candeias para allumiar ao sol, as vantagens physicas e moraes que os individuos, as familias, os reinos e o genero-humano podem tirar, e já em muitas partes vão tirando, das CAIXAS ECONOMICAS. Esta instituição é o Messias terrestre do povo na sociedade moderna; é um segundo evangelho de caridade, virtude e contentamento; não nos impoem novas cruces, mas pelo contrario facilitando-nos o depôr de todo ou em parte a que a fortuna nos tivesse escusada e maliciosamente lançado ás costas, e consentindo-nos no fim da carreira sentarmo-nos triumphantemente sobre ella.

N'um excellente discurso, obra sem duvida de grande genio, recém publicado para convencer a todos pelo raciocinio e pelos factos do que são, do que prestam e do que valem as CAIXAS ECONOMICAS, se pede com razão aos parochos e aos jornalistas que — evangelisem por entre os indoctos e humildes esta redempção, já acceita, professada e abençoada em quasi todo o mundo civilizado.

Sentimos, que a extensão de tal snasória, em que nenhum paragrapho poderia ser supprimido sem grave detrimento, nos vede o reimprimil-a, limitando-nos em rogar aos nossos SUBSCRIPTORES, que a procurem, a lêam, a decorem e a puguem opportuna e importunamente. — Mas eis-aqui fielmente trasladado outro impresso, que a *Direcção do Monte-Pio Geral*,

estabelecido na rua da *Oliveira*, ao *Carmo*, n.º 65, teve a bondade de nos remetter: e que nós uma e muitas vezes recommendamos á sisuda meditação de toda a gente: —

BENEFICIO AO PUBLICO, OU A CAIXA ECONOMICA DO MONTE-PIO GERAL ESTABELECIDO NA RUA DA OLIVEIRA AO CARMO N.º 65.

« A caixa economica é um deposito ou mealheiro, onde com toda a segurança pôde qualquer individuo ir depositando quantias que não sejam menores de 100 réis, e quando lhe pareça ir buscar tudo ou parte do que houver ajunctado, com o accrescimento dos juros vencidos, á vista de uma conta que se entrega a cada depositante com a declaração das quantias que deposita.

« Com as vantagens que de tal estabelecimento se colhem lucra moral e physicamente toda a sociedade, desde a mais baixa até á mais elevada classe; porque ainda quando não bastasse o raciocinio natural, mostrar-nos-hia a experiencia das nações mais civilizadas, onde estes estabelecimentos são muito vulgares, que o homem, habituando-se a ser prudentemente economico, torna-se virtuoso, despe-se dos vicios e das más sociedades, faz-se mais laborioso, mais modesto, e mais util a si e á nação.

« A caixa economica guarda o superfluo, ou o que cada um quer ter em reserva para empregar quando lhe convenha; guarda o que cada um precisa ajunctar para uma despesa certa e necessaria, e o restitue com os competentes juros logo que é reclamado: e sendo por este modo a salva guarda contra as tentações, offerece ao mesmo tempo vantagens incalculaveis, como faremos vêr por alguns exemplos.

« O artista ou o jornaleiro, chefe de familia, que cada semana, cada mez, ou quando queira e possa, fôr ajunctando com que no fim do semestre tenha o necessario para pagar a casa em que habita, tem conseguido:

1.º Não dispender com sacrificio por uma só vez, a importancia d'aquella renda.

2.º Não importunar os seus amigos com emprestimos para aquelle fim, tornando-se por isso mais independente.

3.º Não soffrer as importunas visitas do senhorio.

4.º Vêr-se livre do vexame de o fazer mudar por força, ou de vender e empenhar qualquer objecto de valor, que tarde ou nunca poderá recuperar.

5.º Ganhar com aquelle mesmo dinheiro que forçosamente ha-de dispender uma quantia de juro proporcional á que havia depositado, e que não lucraria senão tivesse feito o deposito.

« O official de qualquer officio, querendo do mesmo modo fazer os seus depositos, colhe a grande vantagem de achar, quando se quiser estabelecer, um capital augmentado de juros sufficientes para dar comêço ao seu novo estabelecimento sem dependencia de favores; e ainda depois poderá continuar a ajunctar para pôr uma casa decente en'ella receber a sua esposa com todas aquellas commodidades domesticas que tanto contribuem para a boa harmonia das familias.

« D'este modo os artistas, e mestres de officios encontrarão nas lojas e officinas operarios mais appli-

« cados, mais industriosos, mais honrados, e mais  
« sadios.

« As pessoas do sexo feminino, de qualquer esta-  
« do também são acceitas a fazerem competentemen-  
« te os seus depositos, para depois os empregarem  
« nos objectos de economia, e se habilitarem a bem  
« administrar suas casas, pelo que merecerão melhor  
« a estima de seus maridos e parentes.

« Não ha classe a quem este estabelecimento  
« não possa aproveitar, elle é bom para tudo, e pa-  
« ra todos, porque a ninguem nacional ou estran-  
« geiro, rico ou pobre, militar ou paisano, é veda-  
« do fazer alli os seus depositos: e melhor farei sen-  
« tir as verdades que deixo expendidas apresentan-  
« do o numero dos depositantes das caixas economi-  
« cas de França que excede a seiscentos e noventa  
« cinco mil pessoas, que em relação ás classes a que  
« pertencem dá o seguinte resultado.

« De cada 100 operarios 24 são depositantes.

« 100 criados de servir 19 «

« 100 empregados 5 «

« 100 militares 11 «

« 100 diversos 30 «

« 100 menores 10 «

« Sommando as quantias que estes individuos teem  
« em deposito 38 milhões de cruzados!

« Em Madrid vae tomando grande incremento a  
« caixa economica, e entre nós já não ha razão pa-  
« ra duvidar de se levar a effeito tão grande obra;  
« por quanto tendo a caixa economica de Lisboa ape-  
« nas algumas semanas de existencia já conta 158 de-  
« positantes, que teem entregue a quantia de 638 200  
« réis.

« Faça cada um a experiencia, que estamos bem  
« certos que ao depois bemdirá uma instituição que  
« por tal meio diminue a miseria publica, e conse-  
« guintemente a amargura das classes menos abasta-  
« das.

« As transacções da caixa economica fazem-se aos  
« domingos desde as 10 horas da manhã até á uma da  
« tarde. »

#### PROVIDENCIA CONTRA INCENDIOS.

EXTRACTO DA REPRESENTAÇÃO FEITA Á CAMARA MU-  
NICIPAL DE COIMBRA PELO CIDADÃO VERIS-  
SIMO ALVES PEREIRA.

3113 QUANDO na madrugada do dia 10 de agosto  
se incendiou a casa do Sr. Marcellino José de Vas-  
concellos, concorri alli para prestar os soccorros que  
as minhas forças e ainda mais o zelo e caridade, me  
permittissem: e por essa occasião pude vêr e exami-  
nar quantos damnos deixaram de evitar-se por falta  
de um homem intelligente que presidisse aos trabalhos.  
Não menos se lamentou a falta de alguns instrumen-  
tos, os quaes, se estivessem promptos e á mão, fariam  
com que facilmente se atalhasse a propagação do fo-  
go. Ví com sentimento que algumas das pessoas en-  
carregadas de injectar a agua das bombas tinham mais  
medo do incendio do que deviam, com demasiado receio  
de perigo onde o não havia, e que muitas vezes a  
combustão longe de diminuir antes se augmentava:  
não só por não ser a agua applicada aos logares con-  
venientes, mas até mesmo por não ser lançada a ne-  
cessaria quantidade.

E' hoje reconhecido que não só da agua nos pode-

mos servir para extinguir os incendios; a areia ou  
terra, espalhada em sufficiente quantidade sobre as  
casas por incendiar, são um excellente preservativo  
principalmente quando o fogo começa de cima: assim  
como evitar-se a communicação do ar quando se póde.

Para mais facilidade em a areia ou terra ser eleva-  
da onde convenha, seria bom haver tres ou quatro  
vergalhões de ferro, collocados nas janellas em con-  
veniente altura, para se içar a terra em cestos, ha-  
vendo na extremidade de cada um d'elles uma rol-  
dana em que gire uma corda á maneira das que ha-  
nas cisternas, com que se tira agua com dois baldes,  
podendo-se ao mesmo tempo por este meio dar uma  
prompta saída a objectos miudos.

Para se salvarem moveis maiores como espelhos,  
quadros, mezas etc.; conviria haver um panno forte  
e comprido que tendo uma extremidade segura den-  
tro da janella, e a outra mantida firme na rua por  
braços de homens forçosos, formasse assim um pla-  
no inclinado por onde escorregassem esses mesmos  
objectos sem perigo de se estragarem.

Para destruir fogueiras que se tenham formado, e  
arrebatar-lhes objectos que alimentariam a combustão,  
seria util haver alguns croques applicados a paus com-  
pridos e de diferentes tamannos.

Julgava também muito acertado não se prescindir  
do antigo toque de rebate a que o povo está acostu-  
mado, e que depois se dessem as badaladas, para  
designar a freguezia onde o incendio começa: por  
que as badaladas por si só pouco despertam a quem  
assiste longe, e n'uma rua pouco frequentada: de-  
vendo repetir-se ora um, ora outro toque, e depois de  
acabado o incendio dar-se signal ou repique para in-  
dicar que tem acabado e para não incommodar mais  
gente.

Egualmente me parecia muito util que á companhia  
dos bombeiros se desse alguma organização e direc-  
ção, e que cada uma das bombas tivesse suas ferra-  
mentas proprias, porque senão deve ir buscar um mar-  
tello ou chave de parafusos na propria occasião.

A falta de agua ou a grande distancia em que mu-  
tas vezes ficam as fontes e chafarizes, são também uma  
das causas porque frequentemente os edificios são devo-  
rados. A esta falta, me parece que com modica des-  
peza, se podia occorrer, aproveitando-se o arbitrio  
que proponho.

Tem esta cidade a vantagem de lhe ser a agua trans-  
mittida pela parte mais elevada; circumstancia, que  
me parece com muita utilidade se poderia aproveitar,  
dividindo-a pela cidade, não só para mais commodi-  
dade dos habitantes, mas para a terem proxima e em  
abundancia contra os incendios; e como já existe o  
cano pelo centro da cidade, e outro pela couraça dos  
apostolos, não restará senão conduzir a para a cou-  
raça de Lisboa, Trindade, Grilos etc. etc. d'onde re-  
sultará não vir a ser esta obra tão despendiosa como  
alguem tem pensado.

Estes depositos-chafarizes deveriam ser cobertos,  
conservar-se sempre cheios de agua limpa que rece-  
beriam pela parte superior, e que por quasi igual al-  
tura lançariam para outro que lhe fique inferior n'outro  
ponto; no fundo uma torneira proporcionada se abria  
a quem vae buscar agua, e em se largando por si mes-  
ma se fecharia d'onde resultaria tirar-se a agua de que  
se carecesse e nenhuma se desperdiçar. A agua, que

de um deposito sobrasse, passaria para o inferior, d'este pelo mesmo modo para o outro, e assim por diante. Supponhamos que nos *palacios confusos* ou em outro qualquer ponto da cidade apparece um incendio; havendo ahi um tal deposito vae se lhe extrahindo agua, e exaurida esta se abrem os mais chafarizes, que da parte superior communicam com este para o qual se vão despejando, e assim temos em um só ponto proximo ao incendio abundante quantidade de agua de muitos depositos com a qual se póde de prompto e com facilidade extinguir o incendio logo no seu comêço.

Muitas obras se terão talvez emprendido e feito, de menos utilidade publica do que esta: e quando se não façam todos os chafarizes em um anno, poder-se-hão acabar em seis applicando-se para elles annualmente 500,000 réis.

Se a illm.<sup>a</sup> camara julgar necessarios alguns esclarecimentos mais a tal respeito, e pelos quaes melhor se possam fazer intender algumas das lembranças que tenho a honra de offerecer-lhe, gostosamente os darei, independente de toda e qualquer recompensa.

Algumas outras lembranças poderia expôr de vantagem para o philantropico fim que me proponho, e que ommitto por não ser nimiamente prolixo; porém se a illm.<sup>a</sup> camara se dignar receber benignamente, e approvar estas minhas idéas, em occasião opportuna e quando a necessidade o exigir, me presto a pô-las em pratica sendo devidamente auctorizado para dirigir os trabalhos e esforços que houverem de fazer-se para atalhar e extinguir os incendios que desgraçadamente são tão frequentes.

**NB.** A illm.<sup>a</sup> camara deu algumas providencias depois d'aquelle incidente mandando fazer algumas escadas etc. etc. mas ignoro se dera outras de não menos vantagem.

Lembro á mesma illm.<sup>a</sup> camara ou a qualquer outra que lhe succeda, e queira mandar fazer alguns depositos-chafarizes, e conduzir a agua para a couraça de Lisboa, poderá conseguil-o com menos despesa mandando-a encanar logo no fim do ultimo arco a S. Bento ao longo do muro que vae dar ao sitio onde anteriormente existia o arco da Traição.

Lembro de mais que, para que os depositos sejam menos dispendiosos, e ao mesmo tempo limpos para receberem a agua para beber, se poderão fazer de pedra e cal, mas forrados por dentro com tijolos vidrados e bitumadas as junctas, evitando-se assim essa grande despesa que alguém me objectára.

De V. etc.

*Verissimo Alves Pereira.*

Sem nos atrevermos a adoptar a idéa dos varões de ferro permanentes nas janellas e menos ainda a dos pannos fortes que nos parece, mormente para as estreitissimas ruas de Coimbra, ser sujeita a graves inconveniencias, intendemos com tudo que na representação, que se acaba de ler, ha alvitres, que poderão ser aproveitados, não só pela camara de Coimbra, mas pelas de outras muitas cidades: por exemplo o dos depositos successivos de que já n'este jornal se fallou no artigo 2175; e o outro relativo aos toques dos sinos para accusar o fim do incendio, providencia incontestavelmente util, gratuita e sem nenhum contra;

que nós lembrámos, ha muito, em que por muitas vezes havemos insistido: mas que ainda até hoje não obteve beneplacito; enigma este que nós damos a decifrar aos mais expertos adivinhões.

### MATERIA MEDICA.

MUTAMBA.

(Carta.)

3114 O SEU zêlo pelos interesses nacionaes desafiaria tambem o meu se eu prestasse para alguma coisa; comtudo se não tenho prestimo, sobeja-me a boa vontade, e é por isso que envio a V. uma porção avulsa da casca de certa arvore de muita utilidade para ser analysada pela sociedade das sciencias medicas, ou por outra se a V. parecer melhor, porque para essa escolha lhe dou plenos poderes.

A arvore é aqui conhecida pelo nome de *mutamba*, e com o chá da sua casca, que é pouco desagradavel e a ninguem faz mal, curam-se tosses ainda inveteradas, e estanca-se o sangue lançado pela bocca. Facultativos ha que, guiados pela experiencia e observação, até a applicam para molestias das vias urina-rias.

Do seguinte caso fui eu ocular testemunha. Um meu amigo escarrava sangue, estava com febre e em grave risco de vida; bebeu não pequena quantidade de remedios de botica, mas apezar d'elles e de toda a possivel diligencia dos facultativos, o sangue não vedava, pelo que abandonando tudo o mais, resolveu-se a tomar a *mutamba*, e foi tão feliz que ao terceiro dia já não veio sangue, nem jámais voltou: restava sómente alguma febre e uma dôr no lado direito que cederam a um vesicatorio, de feição que o padecente logo sarou, e está optimamente. Innumeraveis outras pessoas teem obtido os mesmos resultados, sendo hoje grandissimo o uso d'esta casca.

Parece-me pois que deve ella ser convenientemente examinada, pois já póde ser que d'ahi provenham vantagens para a medicina, e para a humanidade; é n'esse intuito que pelo Sr. José Caetano Gonçalves a V. faço a dicta remessa.

A *mutamba* cresce espontaneamente nos matos, mas não em grande abundancia; não ama os terrenos humidos em demasia, engrossa pouco, é mais alta que copada, e contam-se d'ella duas ou tres especies, uma das quaes até produz uma fructa de que se faz dôce, nunca porém a vi, nem sei se é tambem medicinal.

Da casca usa-se por dois modos; lançando-a á noite em agua, que conforme o vulgo deve ficar ao sereno, e bebendo-a de manhã mesmo fria, — ou fervendo-a e fazendo chá: este toma-se duas ou tres vezes por dia, uma chicara de cada vez. Do primeiro modo usa-se especialmente quando a casca está verde.

De V. etc.

O seu assignante

*José Antonio de Carvalho e Oliveira.*

Maranhão 1.º de maio de 1844.

**N. B.** Remettemos á benemerita SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA a amostra apenas recebida: — do que ella averiguar daremos conta logo que ella tiver a bondade de nol-o participar, para interesse do Publico e satisfação do nosso zeloso correspondente.

**METHODO DE FAZER LACRE.**

3115

VERMELHO.

Gomma laca . . . . . meia onça.  
 Teribintina de Veneza . . . . . duas oitavas.  
 Vermelhão fino . . . . . meia oitava.  
 Zarcão . . . . . meia oitava.  
 Colophonia . . . . . duas oitavas.

*Preparação.* — De dois modos se fazem os paus de lacre: a saber — em moldes de cobre, que possam fazer uma ou duas duzias de cada vez, e sobre uma lamina do mesmo metal, recravada n'um buraco feito na pedra marmore de uma meza redonda, debaixo da qual se mette um fogareiro portatil. O molde deve abrir como um ferro de fazer hostias; aquece-se primeiro, unta-se com azeite, e depois deita-se-lhe a mistura derretida. Faz-se esfriar com uma esponja molhada, e tiram-se os paus, que nos mesmos canaes do molde podem receber letreiros e o que se pertender.

— Sendo feito pelo segundo processo, faz-se assim: — aquece-se a lamina de cobre com o fogareiro sotoposto, unta-se com azeite, lança-se em cima uma pouca de massa, e rola-se, e alisa-se com um brunidor de cobre.

*Maneira de derreter a massa.* — Derretei a fogo brando a gomma laca juncta com a colophonia, deitae-lhe depois a teribintina, e, quando estiver tudo bem derretido, ajunctae-lhe pouco a pouco o vermelhão e o zarcão, mexendo sempre. O vaso deve ser de cobre, e o banho de arêa, posto em fornalha que não possa incomodar nem pegar fogo aos ingredientes.

PRETO.

— As mesmas drogas da precedente, exceptuando o vermelhão e zarcão, em vez dos quaes lhe deitareis negro de fumo de Francfort, ou pós de marfim queimado dos melhores que houver.

VERDE.

Gomma lacca . . . . . meia onça.  
 Colophonia . . . . . meia onça.  
 Teribintina . . . . . uma oitava.  
 Verdete em pé fino . . . . . tres oitavas.

Extracto da *Chymica ensinada em 26 lições*, vertida em portuguez pelo Sr. A. L. B. F. T. Gyrão, pag. 484 e 485.

**PRAÇAS E PASSEIOS DA CAPITAL.**

3116 **TEM** a Revista lembrado ás camaras diferentes melhoramentos; muitos d'elles felizmente se tem obtido; outros parecem ter ficado em esquecimento. Cabe portanto recordal-os.

Pessoas ha que applaudem um bom alvitre quando se propõe, mas esquecem-se depois de lhe promoverem o desempenho com meios, protecção ou conselhos; por isso insistiremos sempre sem desfalecer.

Tem-se pedido á camara, que faça alizar com maços de ferro ou pau as grandes praças e passeios da capital, como o Terreiro do Paço, Rocio, Caes do Sodré, Praça da Alegria e das Flores, Passeio Publico e o do S. Pedro de Alcantra. Nada ha mais facil do que isto. Sabemos que existem nas prisões da capital muitos presos obrigados a trabalhar: — porque não empregarão doze ou quinze n'esta tarefa, que se concluirá em uma semana? As praças e passeios com pe-

dras levantadas incommodam a quem passa, fazem estrago no calçado das senhoras e creanças, e dão de nós pouco vantajosa idéa.

— Esperamos que a exm.<sup>a</sup> camara não deixará de deferir o requerimento. B.

**VIAGEM AÉRIA**

3117 **PARECE** estar resolvido o grande e secundissimo problema de viajar pelos ares.

Escreve ao *Times*, de Londres um seu correspondente de *Charlestown*, nos Estados Unidos, haver aportado lá são e salvo e em sós 65 horas o balão, que saíra de *Northwoales*, em Inglaterra, levando na sua barca oito passageiros, com os necessarios provimentos para muitas semanas, mais do que durou o seu transitio.

Esta maravilhosa viagem, através do oceano Atlantico, escripta em fórma de diario pelos proprios aeronautas, e a descripção do simples mas ingenhoso machinismo, que governa o balão, merecem occupar a attenção publica, pelo que, logo que para tanto houvermos espaço, o publicaremos. Em todo o caso, esta tentativa, mais bem succedida do que as de Mr. *Henson* e *Sir George Cayley*, embora haja de ser seguida por novos e progressivos melhoramentos, é já um immenso passo dado pela sciencia a favor do genero humano.

**VARIEDADES.****COMMEMORAÇÕES.****CONVENTO DO SACRAMENTO DE LISBOA.**

8 DE JULHO DE 1607.

3118 **DISPOSTAS**, como cumpria, as coisas necessarias para a fundacção do novo mosteiro de Corpus Christi, vulgarmente do Sacramento, de freiras dominicanas em Lisboa, foi o dia 8 de julho de 1607 o escolhido para introduzir n'elle as suas primeiras habitadoras, que eram algumas freiras, e conversas, vindas de Evora do convento de Sancta Catharina de Senna, da mesma ordem. — Havia corrido a fundacção do novo convento toda por conta do conde do Vimioso D. Luiz de Portugal, e da condeça D. Joanna de Castro e Mendonça, sua mulher, resolutos ambos de entrar em religião; o que puzeram logo em effeito no dia 22 do mesmo mez e anno; a condeça tomando o habito no seu novo convento, e o conde no de S. Domingos de Bemfica, com o nome de Fr. Domingos do Rozario. Veio o conde a fallecer no seu convento de Evora, e foi sepultado no capitulo entre os de mais religiosos. Alli lhe lêmos algumas vezes o epitaphio, que hoje se buscará em vão, porque a campa deve de estar servindo de bacia de alguma nova janella de saccada; sem que os descendentes da illustrissima casa do Vimioso e Valença se lembrassem de salvar da demolição do convento as cinzas de um avô, e de uma avé por todos os titulos respeitavel. — Aos particulares sem duvida competia salvar a maior parte dos monumentos e primores dos conventos; mas por desgraça nossa, os que quizeram não poderam, e os que poderam não quizeram.

J. H. da Cunha Rivara.

## D. SEBASTIÃO-O-DESEJADO.

LENDAS NACIONALES.

VI.

A SENHORIA.

3119 « EMBORA, haja eu errado, o meu erro ficará comigo.

« Porém vós levantae-vos contra mim, e me arguís com as minhas calamidades.

« Intendei sequer agora, que Deus não é por um juizo de justiça que me affligiu, e me feriu com os seus açoites.

« Clamarei pois padecendo violencia e ninguem me ouvirá: bradarei e não ha quem me faça justiça.

« Por todas as partes fechou o meu caminho e não posso passar, e no meu caminho poz trevas.

« Despejou-me da minha gloria, e tirou-me a corôa da cabeça.

« Destruiu-me por todos os lados e perêço; e como a arvore arrancada me tirou a minha esperanza.

« O seu furor se accendeu contra mim, e assim me tractou como a seu inimigo.

« Mancommunados vieram os seus salteadores, e fizeram para si caminho sobre mim, e cercaram em roda a minha casa.

« Poz longe de mim a meus irmãos; e os meus conhecidos como estranhos se apartaram de mim.

« Os meus propinquos me desampararam: e os que me conheciam esqueceram-se de mim.

« Os que moravam em minha caza, e as mesmas minhas servas me reputaram como um estranho; e fui como um perigrino aos seus olhos. »

Uma voz fraca repetia estas endeixas do velho Job, d'entre as paredes afumadas e grossos varões de ferro da prisão de Veneza; embargadas pela ponte dos Suspiros, não penetravam ellas no receptaculo de todos os vicios denominado palacio ducal, mas retumbavam na superficie do mar. O homem, que assim dava saída a seus pesares com resignação christã, era o mesmo que foi preso na *Côrte Contarina*; encerrado a principio em uma gaiola de ferro, e transferido depois para o calabouço onde acabamos de o ouvir, o desgraçado vira escoarem-se-lhe setecentos cincoenta e tres dias entre os horrores da miseria, os tractos de barbaros algozes; tantos decorreram desde 24 de novembro de 1598, em que deixámos o leitor tão estupefacto como Pantaleão Pessoa, até 16 de novembro de 1600.

A porta da prisão acaba de se abrir, e um homem alto, magro, de olhos encovados, nariz comprido e cabellos grisalhos, parando no limiar, faz ouvir estas palavras com voz forte:—Marco Tullio Catissoni, pescador calabrez!

Ao ouvir este nome com que usavam designal-o, o homem da Biblia lançou um olhar de desprêso para quem o proferira; calou por um momento; fez um gesto entre resignado e despeitoso, baixou a cabeça, e disse:

—Eis-me aqui.

—Acompanha-me.

O carcereiro deu alguns passos para fóra da prisão; não tardou o preso a segui-lo, dirigindo de passagem estas palavras aos seus companheiros de infortunio:

—É provavelmente para o sepulchro que me transferem d'este carcere; irmãos, orae pela minha alma.

À vista do agoirento aspecto do carcereiro julgava-se já acompanhado do algoz; seguiram silenciosamente atravez de um extenso corredor, na extremidade do qual havia uma ampla quadra, occupada n'esta ocasião por alguns esbirros; chegados ahi, um dos sayões, vestido de negro e mascarado, como era de uso entre os familiares da inquisição, se apoderou do preso, e conservando o mesmo silencio saiu com elle para a *ponte dos suspiros*.

Em um momento o prisioneiro se achou á porta de uma sala, cuja mobilia o encheu de terror; era o logar dos tractos; e crusando por entre estes instrumentos de martyrio, entrou em outra sala, ornada como um tribunal; ahi o deixaram só.

Já o desgraçado calculava com horror qual seria a nova ignominia, por que o fariam passar, quando um homem revestido com a toga de senador, veio a elle com os braços abertos; no recém-vindo conheceu elle immediatamente o seu amigo Marco Quirini, um dos quatro juizes deputados para o julgarem, e que sempre lhe patenteára a mais decidida affeição; o desgraçado não pôde suste as lagrimas, e balbuciou estas palavras:

—Vão matar-me, e eu que não posso mostrar-vos a minha gratidão....

—A justiça da vossa causa, atalhou Quirini, me fez interessar por vós; porém baldados foram os meus esforços para vos restituir a liberdade, quando ha dois annos, em publico exame se acharam no vosso corpo todas as marcas naturaes, que, na côrte de Lisboa, se dizia ter D. Sebastião; o senado decidiu que, só requisitado por um principe reinante serieis entregue.

—Oh! meu Deus! e nenhum até hoje se lembrou....

—Um, senhor; o principe d'Orange, chefe das Provincias-Unidas, acaba de enviar por seu embaixador a Sebastião Figueira, portuguez, para vos requisitar.

—E então?...

—O senado me encarregou de vos intimar a sua final sentença.

—Ah!... dizei... dizei....

—Em 24 horas fóra da cidade de Veneza, em tres dias do territorio da republica....

—Ah! meu amigo, ainda serei feliz.

—Podeis partir.

—Adeus senhor; o céu vos restitua o que legitimamente vos pertence. Abraçaram-se suffocados em lagrimas, e deram-se o ultimo adeus.

Em caza de Pantaleão Pessoa, se achava reunido um respeitavel conselho de portuguezes illustres, a que presidia D. Christovam, filho do Prior do Crato.

Este principe viera á Italia advogar ante o Papa e a Senhoria a causa do captivo de Veneza, tendo largado o titulo de rei de Portugal, desde o momento em que chegou a París a noticia de ter apparecido D. Sebastião. Os outros congregados eram, além de Pantaleão Pessoa e de Antonio de Brito seu hospede effectivo, os seguintes cavalleiros e lettrados:—D. João de Castro, que fóra e continuou a ser o mais constante defensor do preso, seu conselheiro leal, e valido desinteressado;—Fr. Estevam Caveira, ou co-

mo vulgarmente lhe chamavam o doctor Sampayo, homem respeitado por seu muito saber; foi elle quem sollicitou em Lisboa os signaes de elrei D. Sebastião, e que exigiu em Veneza o exame publico do corpo do encarcerado para verificar a identidade da pessoa; mas estes serviços não lhe alcançaram a confiança do rei, que antepoz a uma roupeta de dominico, um sayo de cavalleiro, e o frade parecia despeitoso contra D. João, e contra seu amo, com quanto tentasse encobri-lo. . . . Manuel de Brito d'Almeida, homem de bom conselho, e que sempre acompanhou o Prior do Crato D. Antonio; Diogo Manuel, cavalleiro de primor; Rodrigo Marques, e Sebastião Figueira, doctos e leaes portuguezes, e Fr. Chrisostomo da Visitação, monge de Cister.

Tinha tomado a mão na ordem do fallar Sebastião Figueira:—

— E' hoje, dizia elle, o dia destinado pela Senhoria, para dar resposta á embaixada de que vim encarregado pelo principe d'Orange.— Sabbado tereis a nossa decisão, me disse o doge em presença do senado.— Serei pontual, vou recebê-la.

— Muito temo, lhe tornou D. Christovam, correspondendo ao mesmo tempo a uma profunda venia que lhe fazia o cavalleiro; muito temo que não satisfaçam a requisição do principe que representaes.

Figueira ia a sair, mas recuou, dando um brado de espanto e de alegria. . . . um homem assomára ao limiar da porta.

O novo interlocutor era de estatura ordinaria, magro, cabello castanho escuro, pouca barba e bigode, tudo da mesma côr; testa espaçosa e olhos, apesar de encovados de uma viveza extraordinaria; nariz comprido, bocca regular e pé muito pequeno. Além d'estas feições geraes, olhos perspicazes lhe descobriam outros signaes: o labio inferior caído, braço e perna direitos mais compridos que o braço e perna esquerda etc.; trajava uma roupeta comprida de seda escura, forrada de pelles, e gôrro de veúdo preto.

Quasi toda a companhia o conheceu immediatamente, mas o sobresalto causou um torpor geral; foi Fr. Estevam quem primeiro rompeu o silencio com uma alocação latina, como convinha a um doctor:

— *Vidimus eum et non erat aspectus!* (\*)

— Elrei! clamaram todos os mais congregados a um tempo, correndo a beijar a mão ao recém-chegado.

— Meus amigos, meus leaes vassallos, lhes tornou elle com voz pouco clara, mas bôa pronuncia portugueza, eis-me outra vez entre vós!

D. João, Pessoa, Figueira e Brito, que eram ainda jovens na ocasião da fatal jornada de Alcacer-kibir, não tinham olvidado a phisionomia de D. Sebastião; e Diogo Manuel, mais joven ainda, ouvira a seu pae descrever a figura do rei com tão vivas côres, que para logo julgou reconhecê-lo no homem victoriado alli como soberano.— O entusiasmo d'estes cavalleiros não pôde descrever-se.

Depois de uma effusão de congratulações, offertas e agradecimentos, convencionaram que o rei passaria aquella mesma noite em uma gondola para Padua, dirigindo-se por Florença a Leorne, onde embarca-

ria para passar á França; — que iria desfarçado com um habito monastico, e acompanhado por um dos congregados.

Deram-se prêssa a escolher o comissionado, e a eleição recaiu em Fr. Chrisostomo da Visitação.

Fatalidade! . . . . . (Continuar-se-ha.)

Francisco Maria Bordallo.

## NOTICIAS.

### REDUCÇÃO DOS DIAS SANCTOS.

3120 A 11 de janeiro d'este anno publicámos sob a epigraphe — *Novas reflexões e attendivel proposta ácerca dos dias sanctos* — um artigo, em que exhortávamos ao governo a sollicitar da Sancta Sé a diminuição dos dias festivos, e diziamos: — « é de crer « que Sua Sanctidade, com a prudencia, que o exor- « na, decretará para logo uma reformação tão util « ás coisas do espirito como ás do seculo. » O nosso bom e fundamentado alvitre foi adoptado em 15 de abril, e a nossa prophesia se realisou em 28 de maio.

Eis-aqui o que se lê no *Diario do Governo* de 28 da passado:—

« Em officio de 28 de maio proximo findo, partici- « pa o nosso encarregado extraordinario e ministro « plenipotenciario na côrte de Roma, que Sua San- « ctidade annuira benignamente á instancia que se « lhe fez por este ministerio, em data de 25 de abril « ultimo, para a suppressão dos dias sanctos dispen- « sados, diminuição dos de guarda, e transferencia « das festas dos oragos para os domingos; e conclue « que vae tractar com toda a diligencia da expedição « do competente breve. »

### CARNE ASSADA.

(Carta.)

3121 Como eu assistisse na quarta feira passada á audiencia geral, em que se tractava do caso mais horroroso de que ha lembrança por estes sitios, e o crime, e a prisão do réo fossem já publicados na sua interessante *Revista*, talvez alguns dos seus muitos leitores desejem saber o em que parou isto.

O réo, accusado de filicida, (*O Carne Assada* da Olgueira), que tinha a persuasão de que um filho é propriedade de seu pae, bem como um artefacto é propriedade do artifice que o fabricou, e pôde d'elle desfazer-se a seu bel prazer, conservou-se, em toda a audiencia, com um exterior que bem inculcava a mais requintada malvadez.

Não se entristeceu, nem deu a minima mostra de arrependimento ou dor, emquanto só a elle o crimnavam. E emquanto muitas pessoas de distincção, que tambem alli se achavam, e o povo, todos á uma se horrorisavam de varias particularidades que precederam e que seguiram a morte da infeliz, esse desnaturado pae imprecava algumas testemunhas com todo o sangue frio, nomeando sempre a infeliz victima, quando acontecia fallar d'ella, com epithetos horri-veis e vergonhosos, mostrando, como com alardo, o rancor que ainda votava n'aquelle logar, ás cinzas frias da que fôra sua prole e sua victima.

O delegado do procurador regio orou bem, mostrando o horroroso do crime e as suas tristes consequencias na sociedade. O advogado do réo porém é

(\*) Esta alocação é citada por D. João de Castro, em uma das suas obras sobre D. Sebastião.

de sentir que não fosse mais energico. O juiz fallou alguma coisa: e tendo ouvido o réo que julgava ter na negação uma defesa infallivel, o condemnou a ser conduzido com baraço e pregão até S. Pedro d'este conselho, e alli enforcado, sendo-lhe depois decepada a cabeça, para ser pregada n'um poste por tres dias no logar do delicto.

Cintra 30 de junho de 1844. De V. etc.

Julião Valeriano Simões

### BOQUEIRÃO DO INFERNO.

3122 CONTA-SE que no logar do *Gradil* ou perto d'elle, falleceu pouco ha um rustico despresador publico e escandaloso de todas as praticas e crenças catholicas, ao qual tão pela posta veio a morte que nem para o arrependimento lhe deixou aso.

A familia, não obstante haver elle expirado sem nenhum sacramento nem lembrança de tal, desejou o sepultassem em sagrado: mas os visinhos se oppuseram e levaram a melhor: — abriu-se uma cova profana; arrojaram-n'o a ella; cobriram-n'o e desampararam o sitio não sem horror. Na seguinte manhã accrescenta-se, que passando por ahi gente descobrira com grande pasmo seu a cova novamente aberta e tão afundada que por mais que se affirmassem lhe não enxergavam o lastro, nem branquejar de mortalha: deram rebate da nova pela visinhança; accudiu o povo; entrou em consultas, resolveu-se que se examinaria a caso até ás ultimas: um mais destemido se offereceu para ir em pessoa sondar o boqueirão; amarram-lhe uma corda á cinta; entregam-lhe um archote e uma campainha, e vão-n'o arreando com as orelhas fitas e perguntando-lhe de instante para instante o que descobre: — « nada, por ora nada » — era a unica resposta que surdia cada vez mais suturna: até que emfim o archote lhe cae da mão e do meio das trevas se ouve retinir desconcertadamente a campainha, signal de apertado lance. Içam-n'o com furia; o temerario vinha pallido como um finado: — acabava de descobrir lá em baixo, lá muito em baixo, juncto ao fundo da cova que estava por signal despovoada, á sua mão esquerda um portal grande e largo, principio de uma despenhada ladeira, d'onde saía uma alarida de vozes afflictas que punham espanto.

Por derradeiro se conta, que pelos arredores do sitio maldicto resôa, principalmente de noite, uma tão descomposta vozeria de gemidos e gritos féros, que á mais destemida creatura gelariam o sangue.

Esta patranha, que nos affirmam anda geralmente acreditada pelo vulgo das cercanias, teve, ao que se cuida, uma origem assás verosimil. Os ladrões nocturnos, que, n'este praso das colheitas, costumam fazer pelas quintas e fazendas abertas a sua fachina, conceberam e espalharam esta nova para afugentar os passageiros e lhes ficar a boa venida mais a salvo.

Nem da explicação do boato, nem do boato mesmo podemos asseverar senão que em duas cartas, e uma de pessoa conhecida por sisuda, se lê sem discrepancia nas principaes clausulas o que deixamos exposto.

Alguns mettidos a doctores nos teem já censurado o referirmos patranhas manifestas. — Respondemos-lhes, que n'estas mesmas patranhas ha uma verdade, e é o accredital-as o povo; assim pertencem á historia do tempo e não se devem esconder aos medicos moraes da sociedade.

### PUBLICAÇÃO CIRURGICA

TRADUÇÃO DAS MEMORIAS DE CIRURGIA MILITAR, E CAMPANHAS DO BARÃO D. J. LARREY.

3123 « TENDO esta obra merecido a unanime acceitação de todos os facultativos tanto estrangeiros, como nacionaes, que, não será excessivo dizer se a teem admirado, achando-se extincta em França a sua ultima edição, e sendo entre nós rarissima, vae o traductor emprender vertel-a em portuguez, bem convencido de que o seu trabalho nunca poderá merecer o titulo de inutil, pois, não só pelo que respeita á arte de curar e sciencias accessorias, mas tambem relativamente á historia, geographia, etc. é esta uma obra de interesse tão geral, que ninguem deixará de o confessar. »

« Abstem-se o traductor de tecer-lhe qualquer encomio: obras semelhantes trazem o devido elogio em o nome do seu auctor. Limitar-se-ha porém a dizer que não é sómente interessante pelas luzes, que diffunde na arte, na qual tão eximio se mostra; porém de muita recreação para todos aquelles, que admiram as gloriosas campanhas francezas, achando n'ella como um remate official ao que viram, e talvez muita coisa que não está escripta com precisão tão apurada, como a campanha da Russia, até á abdicação do grande homem. »

« O traductor, evocando a cooperação dos seus collegas e mais amadores de obras semelhantes, para que o honrem com as suas assignaturas, protesta empregar quanto em si caiba para que a sua traducção seja exacta, julgando-se muito feliz quando seus esforços sejam pagos com a approvação de leitores tão distinctos. »

« Será esta publicação hebdomadaria, constante de duas folhas, formato de oitavo grande, bom papel, typo novo, e com todo o esmero que seja possivel: preço 60 r<sup>s</sup>., pagos no acto da entrega. »

« Assigna-se em Lisboa na loja da Viúva Henriques, rua Augusta n.º 1, e em casa do traductor — rua dos Doiradores n.º 50 — B — 1.º andar. Os senhores das provincias, que pertendam ser assignantes, poderão dirigir-se em carta franca ao traductor J. M. Freire. (Communicado.) »

### A SCIENCIA DISSE FAÇA-SE A LUZ E A LUZ FOI FEITA.

3124 ESCREVEM de Chaves que o habil cirurgião João da Silva Bravo, natural e residente na mesma villa, filho da eschola medico-cirurgica d'esta cidade, fizera a operação da cataracta na pessoa de Florença Reis, de 24 annos de idade, do logar de Paradella de Monforte do Rio livre, a qual tinha cataractas desde o berço, e nunca tinha visto coisa alguma. A operação foi em 12 de maio passado e com felicidade. — A dicta joven mostrou grande presença de espirito, soffreu a operação, que teve feliz resultado em ambos os olhos, não mostrando signal algum de soffrimento. Está vendo perfeitamente, e é muito curioso observal-a mostrando-lhe coisas de que ella não fazia idéa alguma. *Pobres no Porto.*

### JORNAL DAS BELLAS-ARTES.

3125 ACABA de sair á luz o 3.º numero do jornal das Bellas-Artes, contém: — Ancilla Domini — Quadro de Raphael — pelo Sr.

Silva Leal. — Porta lateral da igreja de S. Julião, em Setubal — pelo Sr. Varnhagen. — Antigo costume e trajos portuguezes — pelo Sr. Silva Leal. — As Bellas-Artes — pelo Sr. A. J. Viale.

Cópia da Madona da Anunciação, em desenho lithographico — pelo Sr. Bordallo-Pinheiro. — Vinheta em madeira, desenho do Sr. Bordallo-Pinheiro, gravura do Sr. Coelho. — Idem, pelos mesmos. Cópias das esculturas do tumulo de D. João I, e do capacete e espada d'este monarcha. — Cópia do Baixo-Relievo do Sr. Cerqueira na exposição academica de 1843, representando o juramento de Viriato; desenho a contorno pelo Sr. T. da Anunciação e gravura em cobre pelo Sr. Fonseca Junior.

O desenho que com este numero se publica da Madona d'Anunciação, de Raphael, é cópia do celebre quadro d'este auctor que por muitos annos se conservou no extincto seminario de Brancanes em Setubal.

Publica-se sem artigo especial a estampa do baixo-relievo do Sr. Cerqueira, para satisfazer-se com ella ao programma, porque d'esta producção se fallará no artigo da exposição, d'onde foi extraída, e ao qual a estampa fica pertencendo.

Sae este numero retardado por motivos de transtorno geral de todos conhecido: e pela mesma causa não póde ainda dar-se conta da exposição da academia das Bellas-Artes, o que se fará no seguinte numero, que já se acha no prélo.

CONDICÇÕES DA ASSIGNATURA. — Cada numero conterá pelo menos 16 paginas d'impressão, assetinadas pela prensa hydraulica, duas estampas gravadas ou lithographadas, e alguns ornatos ou vinhetas desenhados e gravados em madeira como illustrações ao texto.

No fim de 12 numeros d'esta publicação os Srs. Assignantes receberão um frontispicio com ornatos analogos aos assumptos de que tracta o jornal, e o índice geral das materias do mesmo volume.

Subscreeve-se em Lisboa no escriptorio da redacção na rua do Arco-do-Bandeira, n.º 59, 2.º andar — aonde deverá ser dirigida toda a correspondencia, porte franco, aos editores Manuel Maria Bordallo Pinheiro e José Maria Baptista Coelho.

Acha-se á venda em Lisboa nas lojas da rua Augusta n.ºs 1, 120 e 195; rua do Oiro n.ºs 62 e 93; ao Chiado n.º 6; calçada dos Paulistas n.º 54; rua da Esperança n.º 150. — Porto na loja de Novaes — Coimbra, na loja da imprensa da Universidade.

Assignatura por tres mezes 1;200 rs. — seis mezes 2:160 — anno — 4:200 — avulso 440.

Os Srs. Subscriptores de Lisboa satisfarão o preço respectivo de cada numero á recepção do mesmo: os das provincias remetterão logo á entrega no primeiro numero, e pelo seguro do correio, a importancia da sua assignatura por qualquer das tres epochas supra designadas.

#### INFANTICIDIOS JÁ AOS PARES.

3126 Em a noite de 27 do passada se acharam dois cadaveres de recém-nascidos um á Boa-Vista, outro junto á igreja de S. Julião. As auctoridades começaram no caso as diligencias do costume.

Os crimes d'este genero vão-se tornando tão frequentes, que é admiravel que os philosophos e legisladores se não resolvam ainda a fazer sérias tentativas pa-

ra os cohibir. Bem sabemos que o extirpal-os de todo nunca se conseguirá pelos remedios externos, mas só curando os vicios organicos da sociedade que o produzem, como tambem não são os patibulos e degredos, mas a abundancia, a illustração e a moralisação as que hão-de acabar com os roubos. Mas ás molestias incuraveis não se applicam ainda remedios que lhes diminuam os estragos e lhes retardem os impetos? Não se deveria tentar tudo contra um mal tão antinatural e horrendo, tudo, até outros males de menor gravidade? E' immoral favorecer a denuncia, e mas promover até com premios as denuncias de taes attentados, haveria no mundo pae ou mãe que não achasse proveitoso, licito e até sancto?

E' um alvitre que sugerimos a melhores philosophos do que nós, para que o discutam se merece tanto.

#### APPARIÇÃO DE UM DEFUNCTO PERDIDO.

3127 No ARTIGO 3054, sob a rubrica de *perigos da embriaguez* se contou como desapparecera o aspirante da alfandega Luiz Antonio de Sousa Pereira Leite, no dia 9 do passado. — No *Diario do Governo* de 1 do corrente os Srs. Van-Zeller e filhos, agentes da companhia peninsular e oriental de vapor, publicam o auto do corpo de delicto e autopsia a que se procedeu sobre um cadaver lançado pelo mar no sitio da Trafaria, de que se concluiu ser o do dicto aspirante e não haver sido assassinado.

#### CAIM.

3128 Na noite de 25 das 9 para as 10 horas, estando Antonio Alves Estrellado, e seu irmão Manuel Alves Estrellado, almocreves da freguezie de Asseron, a descansar ao pé das suas cavalgaduras em uma casa na rua de Fernandes Thomás, houve altercação entre ambos por causa da palha das bestas e da compra de um bacalhau; pegaram a braço, e o Manuel Alves deu uma facada mortal no irmão Antonio Alves que deixou em perigo de vida, e fugiu. O juiz criminal procedeu ao auto competente.

*Pobres no Porto.*

#### HORRIVEL ATTENTADO CONTRA A NATUREZA.

3129 No dia 29 de junho no concelho de Izeda, Manuel Barreira e seu filho achando-se em uma taberna, travaram entre si desordem, de que resultou dar o pae tres facadas no filho. *D. do Governo.*

#### ESPECIE DE PARRICIDIO.

3130 Em Villa-Flor, a 2 do passado foi ferido com um tiro o parcho do Villar. *Idem*

#### SACRILEGIO.

3131 Na noite de 17 de junho foi roubada com arrombamento a igreja parochial de Ribeirão, levando os ladrões os ornamentos da igreja, no valor de 170\$000 réis; os perpetradores do sacrilego attentado ainda não poderam ser descubertos, apesar das diligencias das auctoridades administrativas. *Idem*

#### VINGANÇA BRUTA.

3132 No dia 6 de junho pela tarde entraram na villa de Senhorim, José Marques e seus irmãos do

lugar de Gondufe, com alguns outros individuos do mesmo lugar e da villa de Mangualde, espantando quantos encontravam, e disparando alguns tiros, que por fortuna nao foram empregados. Estes furiosos pretendiam, ao que parece, tirar n'este acto d'estupida ferocidade, vingança do furto de umas redes de pesca, attribuido a alguns individuos da villa de Senhorim. O regedor de parochia empregou os seus esforços para impedir que fossem a mais aquellas façanhas.

*Idem.*

#### CADAVÉR ENIGMATICO.

3133 Na freguezia da *Povoa e Meadas* concelho de Castello de Vide, appareceu no dia 20 o cadaver d'um individuo assassinado; suppõe-se que era o de um famigerado salteador, o que se não pôde verificar pelo estado de mutilação em que se achava.

*Idem.*

#### OUTRO ENIGMA DA MORTE.

3134 EM *Porto de Rei*, na margem esquerda do Douro, foi encontrado no dia 17 de junho um cadaver nũ, passado com tres punhaladas, e com a cabeça esmagada, e de tal fórma desfigurado, que não foi possível reconhecê-lo. Ignora-se quem fossem os assassinos. A justiça procede ás devidas investigações.

*Idem.*

#### EXORCISMO MAL SUCCEDIDO.

3135 O PADRE Manuel Joaquim Ferreira de Sepulveda do concelho de Castello de Vide, acompanhado d'alguns homens e mulheres, foi encontrado em praticas supersticiosas, com o fim de curar um pobre enfermo que o bom do padre dava por possesso. — A auctoridade deu as providencias convenientes, e prendeu o sacerdote, que assim abusa do seu mtnisterio, e da credulidade dos povos. Deus sabe com que fins.

*Idem.*

#### ¿ QUE É A RAZÃO HUMANA ¿

3136 UMA senhora viuva, por nome D. *Genoveva*, assistente juncto ao correio, estava no dia de S. Pedro jantando mui pacificamente com a sua familia; havia na casa alegria, saúde em todos, e nenhum reflexo de desgosto: volta-se repentinamente para sua filha e diz: — «¿ queres ver como eu faço trinta roupões d'este roupão, que trago vestido? » — Lança-lhe as mãos com impeto e o faz pedaços; apóz elle o restante do vestido e a camisa. Sem o mais leve symptoma precursor se havia declarado louca furiosa. Acodiram-lhe com remedios, está cercada de cuidados, mas a sciencia não se atreve ainda a prognosticar.

#### UM BOM PERIODICO EM CABO-VERDE.

(Communicado.)

3137 TIVEMOS occasião de ler attentadamente o Boletim official do governo de Cabo-Verde, primicias da instituição da imprensa n'esta provincia; e dedicado á publicação das ordens do governo e das leis, ou decretos, que disserem respeito a esta tão importante parte de nossos dominios: e enriquecido de mais com informações estatisticas, e memorias dignas de toda a ponderação por seu interesse. Este jornal é de todos bem visto, e apreciado como fructo da dedicação de um ingenho com boas partes para illustrar o que toma entre mãos e observante exacto do seu mister em offerecer aos habitantes de Cabo-Verde o indispensavel, o necessario e o proveitoso. Lou-

vores sejam tributados a quem ainda toma a seu cargo restaurar o antigo credito da imprensa que com particularidade por estas regiões tem feito substituir os gabos tão bem merecidos outrora, por bem justas e fundadas queixas. J.

#### SANGUE POR AGUA.

3136 EM *Baudarises*, no concelho de Vouzella, foi morto José Rodrigues Lobo em desavença que teve com Antonio Ferreira do mesmo lugar, por causa de partilha de aguas de regar. O assassino evadiu-se apesar das diligencias da auctoridade administrativa, (D. do Governo.)

#### FUGA DE CADEIA.

3138 NA noite de 11 para 12 de junho evadiram-se da cadeia de Villa Viçosa 8 criminosos, que conseguiram o seu intento penetrando por baixo dos alicerces na casa vizinha, d'onde saltaram pela janella; parece que o carcereiro só é culpado do desleixo; todavia as auctoridades deram as providencias convenientes. *Idem.*

#### TROVADOR.

3139 RECEBEMOS o segundo numero do TROVADOR que deita de paginas 17 a 32. Com summo praser o relemos e, com a maior sinceridade da nossa alma, lhe repelimos os merecidos emboras que, demos á sua primeira apparição.

As poesias, contidas n'este segundo numero são: *A Lapa dos Esteios* por J. F. de Serpa. — *A desperdiçada* por A. X. R. Cordeiro. — *O orpham* Por L. da C. Pereira. — *O sino da minha terra* por J. de Lemos. — *A recém-nascida* por A. Lima. — *A virgem* por A. de Serpa. — *Uma noite no Tejo* por A. M. Couto Monteiro.

De boamente dariamos a nossos leitores amostras d'esta colleção, que, se fôr adiante como esperamos, virá a ser um thesoiro de poesias; mas a escolha é tão difficil, que, faltando-nos espaço para copiar tudo, por melhor conselho temos, enviarmos os nossos leitores a saciarem na fonte a sua sede.

#### ADVERTENCIA.

SE alguem, lendo o que segue, estranhasse achar ahí o nosso nome tanta vez repellido e tão coroado de favor, lembrar-lhe-hiamos que ainda podendo arrancal-o como coisa escura murchada e triste d'entre tanta verdura, tanta luz e tanta alegria, não o deviamos fazer: — tudo na amisade é sagrado até as suas superstições: a amisade é tambem poesia e a poesia não é historia; até os seus erros devem ser respeitados; porque, se para os olhos de fóra são erros, por dentro conteem sempre o que quer que seja de mui verdadeiro, como gerados e nascidos do affecto

Não sabemos se o *S. João Poetico* deleitará a nossos leitores como a nós; — mas coitados dos que, depois de o terem lido, não volverem a relel-o sem se sentirem: esses, ou já saíram das ultimas raias da mocidade ou nunca a tiveram como deve ser. Por nossa parte, encantamento nos foi o assentarmo-nos em espirito a este festim sagrado dos poetas mancebos, que hoje occupam, tão senhorilmente, o lugar por onde, nós tambem, um dia passámos. Possam os que depois d'elles, inspirados pelo sol do Mondego e cheios de toda a primavera das suas margens, se ajunctarem para

similhantes festins, — possam pagar-lhes as saudades que elles hoje nos offerecem, e alegrar-lhes com amor o decaír dos seus annos, como elles nos alegraram o d'estes nossos. Poesia e eterna mocidade são o condão imperdível da formosa Coimbra, já desde os tempos do Dr. *Antonio Ferreira*, e *Sá de Miranda*; todos os que por lá passaram o melhor dos seus annos verdes, e modularam ternuras e contentamentos á sombra dos sinceiraes, como as aves perigrinas, que das varias regiões acodem ao florir da estação nova, todos compoem uma familia unica e perpetua, em que os primeiros e os ultimos se hão-de sempre conservar unidos: olhando os moços para os velhos com affeição e sem orgulho; os velhos para os moços sem inveja e com benevolo sorriso. Nós registámos as nossas memorias de felicidade no livro da *Primavera*: estes nossos herdeiros da juventude vão agora registar as suas no *Trovador*: desejamos que o exemplo de uns e de outros seja seguido de anno a anno pelos vindouros. Oxalá que os presentes, excedendo-nos muito, sejam ainda muito excedidos pelos successores. Todos ímos, todos nos alongamos, todos desaparecemos, mas as lettras ficam e ficam os creditos da patria que valem mais que todos nós.

### S. JOÃO POETICO.

Hiamos todos tão unidos em vontade, conformes em gosto, feridos de cuidados, crentes na ventura, cheios e cercados de poesia, e namorados da natureza, que os todos só pareciam um, um só moço, transportado em bemaventurança.

A. F. de Castilho — *Primavera* — *Historia da Festa de Maio*.

3141 No dia 24 de junho de 1844, seriam dez horas da manhã, quando os mancebos, que escrevemos no *Trovador*, nos embarcámos juncto da ponte de Coimbra para uma festa exclusivamente nossa, e que, não sei se com muita modestia, baptisavamos — Festa de Poetas. —

Fôra escolhido o dia de S. João como o sancto, que é mais garrido, mais loução e mais poetico do Kalendario; fôra escolhido porque a vespera nos devia de aparelhar os animos com muita poesia soletrada nas alcachofras, no crepitar das fogueiras, nas danças, nos descantes, nas bombas, nos foguetes, e em todo o folgar d'aquella crença do coração, que até moiros na Moirama não desdenham; fôra escolhido finalmente como unico talvez, que n'este anno tivéssemos desassombrado, para todos nós, dos trabalhos academicos.

O nosso barco era aquelle, que pertence á commissão directora do encanamento do Mondego, e que por seu obsequio nos foi excepcionalmente emprestado. É o barco mais galhardo e formoso dos que n'este rio navegam; grande, espaçoso, com uma camara no centro aberta em quatro janellas envidraçadas por banda, uma porta para a pôpa e outra para a prôa, e dois postigos, tambem envidraçados, aos lados de cada uma. Estava todo engrinaldado de ramos de loiro, buxo e salgueiro; com os seus quatro remeiros vestidos de branco, e de varas levantadas aguardando o signal da abalada: — este signal foi dado por um grito d'alegria de todos nós, as varas desceram, o bar-

co deslisou-se por sobre a corrente de prata, como um pensamento de esperança em alma singella, e pôz a prôa á *Quinta das Varandas*, situada na margem direita do Mondego.

Entre risos e historias, cortadas de quando em quando para nos embevecermos no mimosissimo panorama, que a natureza desenrolava á beira das aguas; entre um festejar sincero; entre canções namoradas e risonhas; entre muito crer, muito esperar, e muito viver foi transposta a distancia; e, quasi sem o cuidarmos ouvimos dizer aos barqueiros — é aqui; — e vimos, quasi que mau grado nosso, abicar o baixel. Saltámos, e atravessando a quinta fômos na casa escolher a sala onde haviamos de jantar; a escolha foi breve, a maior e mais alegre, como a alma d'um mancebo: — guarnecemo-la de mezas e cadeiras por nós mesmos conduzidas dos outros apozentos; designámos a hora em que voltariamos para jantar; percorremos gostosos aquella tão linda habitação, tão recatada de verdes, tão rasgada em janellas, tão mimosa de vistas; e no meio de jubilosos vivas saudámos uma camara d'aquella casa, aonde havia nascido o Sr. *José Freire ao Serpa*, nosso amigo, e companheiro na festa. Esta circumstancia, só alli por elle revelada, debrou o nosso amor pelo sitio, que haviamos escolhido; quizemos-lhe como a coisa, que nos fallava ao coração, e, com este achado muito acarinhado no pensamento, embarcámos de novo e partimos para a *Quinta das Canas*, que nos ficava exactamente defronte. Fâmos todos tomados de respeito ao aproximar-nos d'aquella cáes, onde uma das arvores — « se debruça (+) para saudar e cobrir com a sua sombra os bateis que chegam — »; fâmos tomados de respeito para aquelle — « frontal de heras, que ora resaem como cabeços pendurados, ora se recolhem para fantasiarem lá por dentro suas grutasinhas e labirintos — »; fâmos tomados de respeito para aquelle — « bosque pequeno, onde os olhos se enleam na confusão de troncos e folhagem — » como tendo á conta de profanação temeraria o aportarmos alli depois dos bardos da festa de maio, e do dia da Primavera. Mas nós não fâmos lá manchar esses echos tão melindrosos desde então, não fâmos como sacerdotes, senão comoromeiros visitando o templo com devoção e amor por a poesia, que lá tem seus altares, com amor e devoção por quem nas festas da Primavera e maio taes altares lhe tornou eternos.

Ao desembarcarmos luziu nas almas de todos um sentimento, e, de cabeças descobertas, voou dos labios de todos um nome: — ; o sentimento era a admiração, o nome era *Castilho*! Percorremos a quinta; divagámos n'um delicioso encantamento por aquelles tapetes de verdura e flores, por entre aquelles tufos e festões asselinados, por aquelle laranjal, por aquelles mirantes quasi naturaes, por tudo o que n'aquelle sitio andou bordando, poetisando a natureza, desdenhosa da arte, n'um dia d'orgulho. E no mirante mais alto, engastado com alegretes no cume de uma rocha viva, cortada a pique sobre o rio, avistando plenamente Coimbra e toda a margem opposta, parámos, e compozemos a seguinte sextina, que lá deixámos escripta, datada, e assignada:

[\*] Debruçava; que já um inverno a engoliu, sem respeito á Primavera do Sr. Castilho.

Sobre as azas da poesia  
Aqui nos trouxe a amizade,  
Cantámos nas lyras d'ouro,  
Esp'ranças da mocidade,  
E aos bardos da Primavera  
Mandámos uma saudade.

Nós eramos seis, e por isso coube a cada um o seu verso n'este tributinho, que de tão longe enviámos áquelles poétas; nenhum de nós consentira em ceder a sua parte, nenhum de nós quiz ser d'elles menos devotos: — a sextina é de todos.

Mal a tihamos concluído quando da parte das amáveis donas da *Quinta das Canas* recebemos a graciosa offerta da sua casa, e da sua tão grata companhia, mas a festa de maio tinha levado consigo, tinha feito monopolio de taes venturas, nós não podíamos aceitar; não, porque com inteira consciencia de nossos minguados destinos só alli havíamos aportado para saudar e invejar uma linda epocha do passado, e não para crearmos um presente nosso, que não podíamos.

O Sr. José Freire de Serpa, e eu fomos escolhidos para, por todos, irmos depositar aos pés das bondosas damas os mais cordiaes e respeitosos agradecimentos; assim o fizemos, e despedidos das delicadas hospedeiras de poetas, reunidos novamente, embarcámos, navegando logo pelo rio acima em direcção á antiga quinta dos jesuitas, denominada de *Villa Franca*.

Durante esta viagem o Sr. José Freire de Serpa leu algumas poesias suas de muita belleza, e tanta que os ramos dos salgueiros, attrahidos pelo condão dos versos, vinham debruçar-se curiosos nas janellas da nossa camara movediça.

A paisagem, que tambem íamos saboreando, era magnifica: — á direita ficava-nos o valle da copeira matizado de quintas alvejando por entre as esmeraldas do arvoredor; o campanario de S. Jorge a empinar-se religiosamente modesto; umas ruínas toucadas de priscas mas verdejantes heras; e dois ou tres outeiros macios de relva e florinhas a cerrar o fundo do quadro: — á esquerda as quintas da *Bóia Vista* e *Varandas*; um outeiro coroado de pinheiros; um areal extenso aqui e além relabado por fitas d'agua rebelde; seis cabanas de corno, aldêa temporaria d'uma tribu nómada, dispersas pela arêa; algumas lavadeiras estendendo roupa sobre os tectos d'aquelles seus abrigos do sol e da chuva: e na volta que o rio faz la ao cabo para nos esconder a tão magestosa e variegada galeria, a alameda secular de *Villa Franca* a emmanhar-se verdeneira.

Foi ahí que de novo saltámos em terra, e que á sombra d'aquellas arvores soberbas, repetindo versos, cantando, ouvindo as melodias do Sr. Luiz da Costa Pereira no seu angelico violão, sempre contentes e ditosos em nossa fraternidade, foi ahí que com a velocidade do relampago nos colheu a hora de jantar.

Reembarcámos portanto, e tomámos o rumo da *Quinta das Varandas*: — essa perspectiva foi ainda mais sublime! Tudo o que havíamos admirado ha pouco, nos ía agora saindo, como ao encontro, á medida que as tortuosidades do rio se transpunham; era um poema que se lia canto por canto, até que de repente corrada toda a cortina verde d'aquelle templo se levantou ao fundo, como sacrario de bellezas, a

cidade de Coimbra, donzella prigueirosa encostada ao seu monte, mas altiva com a sua torre, com a sua universidade, com os seus conventos, com o seu aqueducto, com a sua pinha de casarias, com a sua ponte, com o seu rio, com o seu campo, com tudo seu!

Pareceu-me, e era com effeito, tudo isto um cantico de fagueira harmonia, que louvava o Creador! — Era um psalmo de David!

Chegados á *Quinta das Varandas* em breve nos assentámos á mesa; correu o jantar entre vivas, alegrias, e amigavel conversação, aonde sempre entrava muito amar, muito fallar, muito scismar com a poesia; aonde nadava muita fé pelo futuro, muita esperança de gozos e sonhos intimos, e aonde os laços, que todos na amizade nos ligavam, recebiam o derradeiro nó.

Entre esta tão saborosa satisfação vinha apenas misturar-se uma só magoa, e era não vermos ao nosso lado o Sr. Antonio Gonçalves Dias, que uma repentina enfermidade havia prendido no leito; — o seu nome tão saudosamente alli repetido era a violeta magoada entristecendo as rosas festivaes, era a lagrima que desbotava o sorriso.

Antes de começarmos a ultima cobertura do nosso jantar houve a leitura da poesia que cada um de nós expressamente, e em segredo, havia composto para alli ser recitada; — e era, para assim dizer, o verdadeiro objecto da festa. Esta leitura foi por mim encetada com a poesia — *Hosanna* — seguiu-se o Sr. Luiz da Costa Pereira com a poesia — *Branca* — Alvarindo — depois o Sr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro com a poesia — *o Poeta* — depois o Sr. José Freire de Serpa com a poesia — *o Meu Berço* — depois o Sr. Augusto José Gonçalves Lima com a poesia — *Canto d'Amor* — e finalmente o Sr. Antonio Maria do Couto Monteiro com a poesia — *o Canto do Cisne*: — todas estas poesias serão publicadas na 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> folhas do — *Trovador*.

No fim da leitura de cada uma das poesias, era o poeta festejado com os brindes de todos, e com foguetes, que das janellas se lançavam ás nuvens para levarem até lá o regosijo innocente d'aquelle dia, talvez o melhor da nossa vida. Concluido o jantar, enfeitámos de ramos os nossos chapéus, e com abraços e enthusiasmos reciprocos nos dirigimos para o barco, deixando suspirosos aquella quinta, que será sempre no porvir, para cada um de nós, um marco de dulcissimas recordações.

Caiá já a noite quando, ao som de foguetes, atravessámos um dos arcos da ponte, e passando pela frente da cidade fomos desembarcar ao sitio do encanamento, contentes de todos e de tudo, mas adivinhando na mente que o prazer d'aquelle dia era já uma pagina do passado, que nunca mais ha de voltar.

Coimbra 27 de junho de 1844. J. de Lemos.

#### MARTYRIO POR AMOR.

3142 Um saloio de Loires entrava, ha duas semanas pela officina operatoria de um dentista da capital, tendo deixado solto á porta da rua, bem por baixo do tremebundo dente de pau, o seu burro com a carga de fructa e legumes ainda inteira, o que provava menos desapêgo á fazenda do que uma vehemente preocupação de animo, que não lhe permittia pensar em damascos e carrapatos: com effeito, as lagrimas lhe corriam a quatro e quatro pe-

las faces, barbudas apesar do dia que era sabbado, e pallidas não obstante a soalheira que era de rachar. O olho exercitado do dentista parisiense, por cujos ferrinhos tinham passado todas as dentuças imperiaes, reacs e serenissimas desde S. Petersburgo até Tetuão, como se provava pelos seus mesmos annuncios, descobriu logo que o pobre aldeão vinha atormentado de infernaes dôres de dentes, que o não deixavam dormir havia noites. — Não lhe doía nada: todos os dentes estavam mais sãos que a sua fructa, alvos como o marfim e arreigados para resistirem a todos os boticões do universo. A causa das lagrimas, da pallidez e das barbas grandes era outra, que elle não descobriu, porque bem descoberta estava, mas que não tardou em explicar.

Havia na sua bocca logo á entrada, no proscenio, no primeiro plano (como diriamos em phrase theatral) dois bellos dentes em verdade, mas tão escandalosamente deseguaes em grandesa de todos os seus visinhos, que ainda em tempos absolutos não poderiam deixar de ser estranhados: os do seu companheiro, que ficára á porta carregado, talvez não levassem a melhor se com elles se medissem. Este defeito ou esta vantagem (e vantagem seria indubitavelmente se todo o anno fôra entrudo) tinha-se-lhe convertido em desgraça muito séria: — em impedimento de casamento com uma saloiasinha muito geitosa e trêfega, dona de uma das melhores caras da freguesia, de um cordão grosso de ouro fino e de umas arrecadas grandes de pechisbeque ainda mais refulgentes que o cordão; dotada de mais a mais com uma dusia de lorangeiras tão frescas e esbeltas como ella, e um talhão de repolhos, que faziam tremer a praça da figueira, e eram sempre os primeiros que se vendiam e por cinco réis mais que os da varzea de Collares. Tudo no seu adorador lhe agradava, mas aquella ameaça contínua dos dois dentes, que eram a primeira coisa, que lhe feria nos olhos apenas elle lhe sorria, causava-lhe uma invencível repugnancia.

Logo que o rapaz descobriu os motivos do desamor, que de dia para dia se lhe ia tornando mais sensível, perdeu toda a vontade de rir, no que lucrou duas coisas, — não mostrar tanto os dentes, e inspirar compaixão, que ás vezes é semente de bem querer. Com igual cuidado evitou o comer diante d'ella, e quasi inteiramente o fallar: — quando tinha para lhe dizer alguma finesa muito urgente, era sempre voltando-lhe as costas; ou pondo diante da bocca o seu chapéu grosso: — os suspiros, esses já lhe não saíam senão nariz.

Este modo excêntrico de namorar começava a ser a materia do artigo de fundo de todos os jornalistas verbaes das tabernas do logar; a Sr.<sup>a</sup> Maria soube-o; picou-se, e com razão; e para pôr ponto n'umas relações que a expunham a taes contratempos, despediu o seu arrojado, disendo-lhe — que sentia muito perdê-lo, que melhor que ninguem conhecia e confessava ella as suas boas qualidades, e que se algum dia, por milagre da Senhora da Rocha, com quem lhe aconselhava se apegasse, os seus dois dentes se lhe redussem a um tamanho racional, ella lhe daria a sua mão, o seu laranjal e o seu talhão de repolhos se ainda fosse livre.

O saloio, — que era espirito forte, como hoje o são muitos saloios, porque a philosophia *volteriana* passou já da classe média para a infima, como a religio-

sidade vae subindo da infima para a média — antes do chegar á Senhora da Rocha tinha avistado a emblematica taboleta, a dentuça de pau que lhe fez lembrar a sua, e um raio de inspiração o forçou a subir para mandar cerrar os dentes se fosse possível, quando não arrancal-os: — o tirarem-lhe um ou dois dentes da bocca não era tanto como o renunciar aos seus amores. O mestre, venerando no seu interior aquelle rasgo de paixão digno das eras heroicas e desejando vel-o mil vezes reproduzido por honra da constancia masculina, estendeu em cima da meza um braçado de ferramenta de cabos de prata, estremou d'entre ella um serrote parisiense muito airoso, poz o paciente em acto de ser operado, e começou com um braço energico, pesado e incansavel a cerrar; — o saloio fechava os olhos para o não vêr, sentia uma trovoadá nos miolos e uma dôr nos queixos, que, mais de uma vez, lhe vieram ondas de matar o dentista e fugir: entretanto a poder de paciencia e de chamar a si a imagem de Maria com as suas arrecadas e cordão de ouro, passada meia hora de perseverança do intrepido discipulo de Hipocrates, fundador da arte de tirar os dentes, sentiu-se no sobrado e truz de duas lageas: — eram as duas excrescencias que tinham caído. O saloio levantou-se; viu-se ao espelho, e não se conheceu: sentia a cabeça com menos meio arratel de pêso e o coração radioso de esperança. Deu tres pintos ao dentista, que lhe não pedia senão dois, e ainda de crescenças um abraço e alguns arrateis de cerejas para a sua sobremeza: vendeu na praça toda a carga pelo primeiro dinheiro que lhe offereceram, montou no seu Pylades, que, ao pôr-lhe os olhos, algum tanto o estranhou; galopou para a sua terra e apresentou-se triumphante em caza da querida, que o recebeu como bem podereis imaginar.

O casamento vae ser celebrado brevemente. Emquanto elle tarda, o noivo conta a sua historia a toda a gente — rindo com ambos os beigos muito bem arreagaçados, — diz as finesas de cara a cara, e já não suspira nem pelo nariz nem pela bocca: é o homem mais feliz de todo o concelho administrativo.

Presume-se que tenciona convidar para seu padrinho o dentista, e, por essa occasião, consultal-o — sobre quando poderão nascer-lhe a elle e á sua futura os dentes do siso, que é uma coisa que tem muito empenho de saber.

#### ERRATA.

No artigo 3034 a pag. 539, lin. 58 — onde está *Runth* — lêa-se — *Kunth*.

Na mesma pagina em vez de *Martins* — lêa-se — *Martius*, e onde está — pag. 136 — lêa-se — pag. 236.

#### PRECAUÇÃO.

Á ÚLTIMA HORA.

JORNALIS recibidos no correio de hoje, quarta-feira, só vistos por nós quando este numero se achava já no prélo e se não podia recorrer, desmentem a noticia da viagem aérea. — Seria um boato armado no ar? — o balão não faria maior avaria que levantar-se do escriptorio de um jornalista para ir cair no de outro?

Convidamos os nossos leitores a apesar da barquinha os seus curiosos desejos como nós fazemos aos nossos, e a esperarem pelo ultimatum em terra firme.